


DOI: 10.22476/revcted.v6.id468

ISSN: 2447-4223

## CARTA À PIERABRIGATTI: UMA EDUCADORA ÉTICO-CRÍTICA

Demétrio Delizoicov<sup>1</sup>

 <http://orcid.org/0000-0002-5970-3400>

IES (sigla), Instituto/Faculdade, Departamento, Cidade, Estado, País  
Universidade Federal de Santa Catarina, PR, Brasil.

Submetido em: 22/10/2020

Aceito em: 13/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

### Resumo

Em estilo Carta Pedagógica são abordados aspectos da formação de um casal de educadores. Argumenta-se que o processo formativo envolvido contribuiu para a implementação e contextualização da concepção de Paulo Freire em escolas de redes públicas.

**Palavras-chave:** formação permanente; investigação temática; problematização e dialogicidade.

## LETTER TO PIERA BRIGATTI: A CRITICAL-ETHICAL EDUCATOR

### Abstract

In Pedagogical Charter style, aspects of the training of a couple of educators are addressed. It is argued that the training process involved contributed to the implementation and contextualization of Paulo Freire's conception in public schools.

**Keywords:** permanent formation; thematic investigation; problematization and dialogicity.

## CARTA A PIERA BRIGATTI: UNA EDUCADORA ÉTICO-CRÍTICA

### Resumen

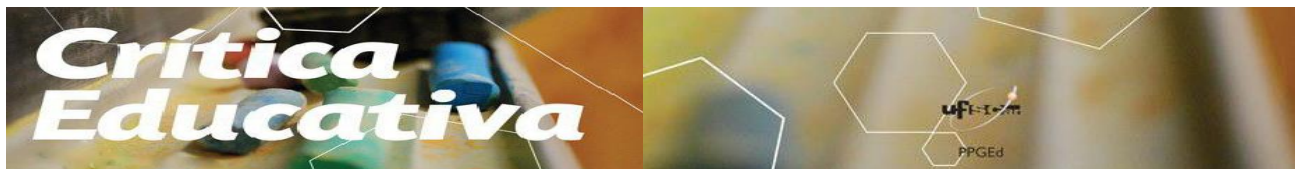
Al estilo Carta Pedagógica, se abordan aspectos de la formación de un par de educadores. Se argumenta que el proceso de formación involucrado contribuyó a la implementación y contextualización de la concepción de Paulo Freire en las escuelas públicas.

**Palabras clave:** formación permanente; investigación temática; problematización e dialogicidade.

Piera, querida,

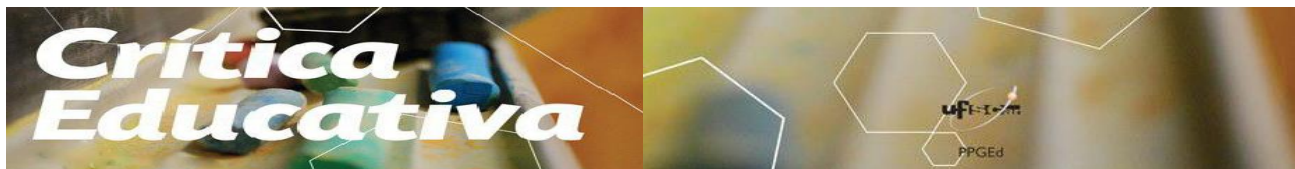
---

<sup>1</sup>Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e professor associado IV – voluntário - da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: demetrio.neto@ufsc.br.



Nadir e eu estivemos em Milão, em outubro de 2019, com Mirella e Piero. Ficamos uma semana na casa deles. Matamos a saudade e rememoramos os tempos de vida compartilhada na Guiné Bissau, nos anos em que os guineenses estavam se dedicando ao projeto de Reconstrução Nacional, após a guerra de libertação na qual lutaram para a obter a independência política do colonialismo português que perdurou, na África, até a metade dos anos 1970. Dos cooperantes italianos com os quais convivemos na Guiné, Mirella e Piero são os únicos com quem continuamos a ter contato. É verdade, em longos períodos com abstinência de informações. Nós os recebemos em casa no Brasil, em meados dos anos 1980. Eles adoram o Brasil. Viajamos um pouco com eles e fizemos um roteiro para que pudessem conhecer os vários brasis. Viajantes engajados que são, como você, procuram entender as distintas formas com que seres humanos oprimem outros seres humanos.

Sempre que Nadir e eu interagimos com eles, conversamos sobre os amigos comuns, especialmente sobre você e Lino, companheiros de trabalho no desafio de implementar uma educação junto à população da Guiné que durante os cinco séculos de colonialismo foi alijada desse direito pelo colonizador. As lições que Nadir e eu tivemos com vocês dois foram determinantes para a nossa atuação profissional. Lá, ahures e em qualquer momento. Mirella e Piero nos informaram que Lino, após deixar a batina, foi ao Canadá, para onde boa parte da sua família havia imigrado. Como você sabe, Lino e eu viajamos muito por todas as regiões da Guiné, que ele conhecia como as palmas das mãos. Também era bastante conhecido em praticamente todos os locais onde íamos. Ele viajava como funcionário do Ministério da Educação e eu como coordenador do Projeto Formação de Professores de Ciências para orientação aos professores diretamente nas escolas. Seu conhecimento do país, tanto do ponto de vista geográfico e histórico, como cultural, foi particularmente aprofundado quando, recém-chegado, enviado pelo Vaticano para sua atividade religiosa, se engajou nas Forças Armadas Revolucionárias Povo (FARP). Todas as pessoas da Guiné sabem, como nós, que ele preferiu atuar, mesmo como padre secular, junto às FARP e às populações das regiões que iam sendo libertadas. Dentre outras atividades desenvolvidas, prestou assistência odontológica, como um “dentista prático”, habilidade adquirida na Itália. Atuou, também, como educador e, após a independência, como funcionário do Ministério da Educação da Guiné. Tenho lembrança, bem marcada, de fotos dele da época da luta com uniforme das FARP e

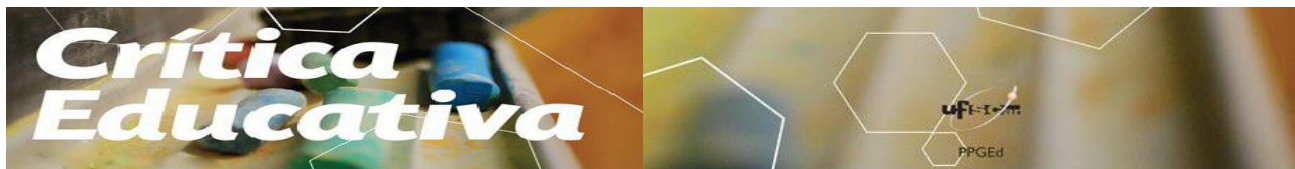


cartucheira na cintura portando arma. As ações do exército colonialista português para reprimir a luta de libertação foram poderosas e violentas. Mirella e Piero, como Nadir e eu, perdemos o contato com ele. Do mesmo modo que com você. A última informação que eles me deram é que você, já aposentada, preferiu viver em Roma, ao invés de Milão, para ficar junto ao seu companheiro que, parece, estava doente.

Espero que, de algum modo, eu consiga enviar-lhe esta carta. E, mais ainda, que você venha a lê-la. Nadir e eu guardamos, com muito carinho, as fotos de quando estivemos, os três juntos, durante quase duas semanas, no seu refúgio europeu nas montanhas dos Alpes, em Valsavarange, no Vale de Aosta. Nos raros momentos em que nós três nos afastávamos dali e descíamos as montanhas para o foco turístico, ainda lembro muito bem dos seus comentários, em particular sobre os turistas europeus. Quase como uma confissão, você nos dizia não se sentir muito bem naquele tipo de ambiente e que se revoltava um pouco. Perfeitamente compreensível, considerando que, ainda jovem, nos anos 1960, você, recém-formada, passa a ter uma atuação político-humanista no sentido de minimizar as agruras de seres humanos espalhados pelo mundo, provocadas por distintas formas de exploração. Seus depoimentos a respeito do trabalho realizado no interior do Maranhão e da tua dramática saída do Brasil, quando precisou interrompê-lo, após o golpe que implantou uma ditadura militar, foram marcantes para nós. Sempre comentamos com amigos a sua trajetória se vida.

Quando nos encontramos pela primeira vez, em 1978, na Guiné Bissau, você coordenava o “bureau” local do Institut de Recherche, FormationerVDéveloppement (IRFED) e já havia trabalhado no Níger, no projeto de cooperativas cujo objetivo era a emancipação das mulheres daquele país, conforme viemos a saber através da nossa convivência. Penso que você, como Lino, tem uma atuação profissional que está em sintonia com uma concepção ético-crítica, segundo critérios que cada vez mais têm sido apontados por filósofos da libertação, tal como o argentino Enrique Dussel, atualmente vivendo no México.

Lembro, até hoje, quando desembarcamos no aeroporto de Bissau, a capital do país, você a nossa espera no pé da escada do avião, nos aguardando junto com Dulce Borges, guineense, então diretora da Educação Básica do Ministério da Educação da Guiné. Recebeu-nos com um afetuoso abraço, tal como a Dulce. Parecíamos amigos de longa data e temporariamente distantes. Algo

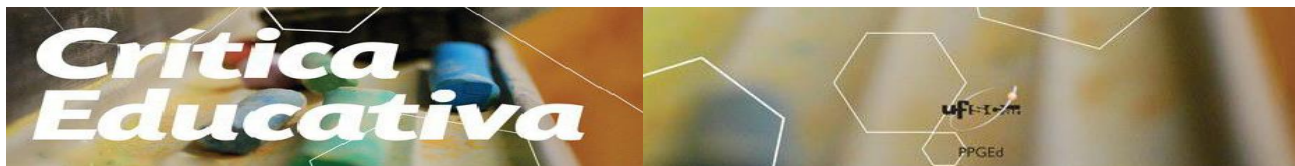


pouco comum para um primeiro contato. Nadir e eu estávamos chegando para realizar um estágio no Centro de Educação Popular Integrada (CEPI) coordenado por você, vindos de Paris, onde vivemos por cerca de um ano.

Para as atividades programadas durante as tramitações para realizar o estágio, você pediu para oferecermos um curso de ciências naturais para os professores em formação do CEPI. Esse centro estava em sintonia com os desafios e encaminhamentos que o recém-empossado governo guineense visava enfrentar como prioridade: diminuir o déficit educacional deixado pelo colonialismo. No âmbito da superação do analfabetismo, Freire, com sua equipe, havia sido convidado, logo após a independência, para colaborar com a educação de cerca de 90% da população analfabeta. São famosas as cartas trocadas por Freire com Mario Cabral, então Comissário da Educação Nacional, designação adotada inicialmente para ministros do novo governo.

Por sua vez, a educação fundamental, com seis anos de duração, obrigatória pela constituição da Guiné Bissau ao se tornar uma nação independente, precisava ser implementada em todos os seus aspectos: construção dos prédios escolares, formação de professores de modo a, gradativamente, não necessitar da cooperação de professores estrangeiros, produção e edição de livros didáticos. Tudo isso soubemos no início do nosso estágio no IRFED, em Paris, e também pela carta que você nos enviou, detalhando alguns aspectos. Nesse contexto, o IRFED havia concebido o CEPI, após estudos a partir das demandas do Ministério da Educação. Este centro atuava tanto na formação emergencial de professores para as 5ª e 6ª séries, como numa escola de ensino fundamental para os jovens guineenses, cujos professores, também jovens, estavam em formação emergencial. Você nos informava desde os primeiros contatos dessas características do CEPI e dos desafios a serem vencidos.

No caminho do aeroporto até o local onde Nadir e eu dormiríamos naquela noite, você, ao mesmo tempo em que ia apresentando a cidade de Bissau, já ia detalhando aspectos programados do estágio que faríamos junto ao CEPI. Muito atenciosa, o que logo estabeleceu uma empatia entre nós, como você bem sabe, nos informava que iríamos, no dia seguinte, para o CEPI localizado no Sul do país. Eu por terra, transportado numa Land Rover pelo motorista guineense da equipe CEPI, Pedro, profundo conhecedor dos caminhos da Guiné e hábil no relacionamento com os cooperantes

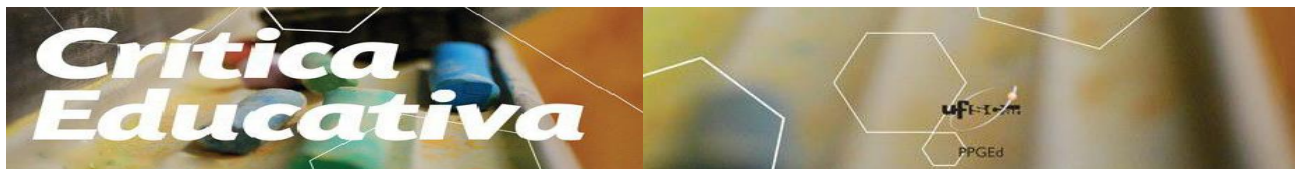


estrangeiros que trabalhavam no país; levaríamos suprimentos e materiais necessários para o cotidiano do CEPI. Nadir, junto com você, num pequeno avião com dois lugares para passageiros. O voo que fizeram, como você havia antecipado, durou cerca de 15 minutos, enquanto Pedro e eu levamos mais de 12 horas para fazer o percurso de não mais do que 120 quilômetros, dadas as condições das estradas, sobretudo nos trechos de floresta. A demora também foi consequência das paradas que fazíamos para que Pedro fosse me “apresentando” àquela região. As orientações prévias passadas por você foram fazendo sentido ao perceber aspectos históricos e geográficos, práticas socioculturais das etnias que habitavam as aldeias pelas quais passávamos, bem como o engajamento que haviam tido na luta de libertação. Assim foi o meu “debut” em terras africanas.

Para a efetivação desse estágio, como você muito bem acompanhou, houve uma negociação de sete meses, desde o contato inicial que Nadir e eu fizemos, em Paris, com Luiz de Sena, brasileiro exilado, e um dos diretores do IRFED. Conjuntamente com os currículos meu e da Nadir, agilizou o processo uma carta de apresentação enviada ao Luiz de Sena, por Luis Carlos de Menezes, coordenador de um grupo pesquisa e meu orientador na pós-graduação em Ensino de Ciências da USP. Menezes, como é conhecido, lhes informava que o meu projeto de mestrado articulava-se às intenções de um grupo de pesquisa em Educação em Ciência, que estava aprofundando a concepção freireana da educação e seu potencial para o ensino escolar de ciências naturais no Brasil. Argumentava que a realização do estágio que estávamos pleiteando junto ao CEPI seria muito valiosa para avançar numa práxis educativa em ciências naturais que o grupo estava procurando efetivar. Eu fornecia dados do CEPI, através dos documentos que o “bureau” do IRFED, em Paris, me disponibilizava e que eu remetia para o grupo no Brasil. Esse conjunto de informações que, felizmente, chegou até você, foi determinante para que se dispusessem a aceitar o nosso estágio de dois meses no CEPI com a finalidade de, ao conviver com a implementação do processo educacional do CEPI, oferecer o curso de formação emergencial em ciências para os professores. Por isso, Nadir, eu e todo o nosso grupo de Educação em Ciências sempre relembramos a sua importância nas nossas trajetórias de educadores.

A carta que escrevo agora tem a finalidade de, sinteticamente, socializar a parte da trajetória que você não pôde acompanhar após esses anos pois, involuntariamente, não conseguimos nos comunicar. Como sabe, o projeto de Formação de Professores de Ciências Naturais da Guiné

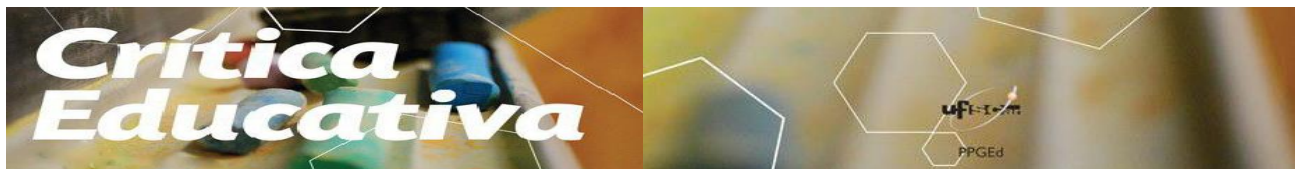




Bissau, coordenado por mim e pelo José André Perez Angotti, foi objeto de nossas dissertações de mestrado defendidas na USP. O projeto foi um dos desmembramentos do nosso estágio no CEPI e o teu aval para que ele fosse tramitado foi fundamental. Também foi importante o incentivo que deu para Nadir e Isaura, professoras de Biologia no Brasil. Rememoro, para compartilhar com você, a influência que o CEPI teve para a contextualização que o grupo pôde realizar da concepção educacional de Freire no âmbito da educação escolar. Este foi um dos aspectos focados nas dissertações minha e do André.

As longas conversas que tivemos com você na Guiné tinham particular convergência sobre a sintonia fina que haveria entre a proposição de Freire a respeito da investigação temática para se estabelecer práticas educativas focadas em temas geradores e as atividades desenvolvidas pelo IRFED e CEPI. Essas atividades tinham como foco a análise das características socioantropológicas do sistema produtivo envolvendo a agricultura da etnia balanta – a que predominava naquela região do país – bem como da convivência da população com doenças endêmicas, tal como a malária. Esses estudos foram determinantes para sistematizar a relação a ser estabelecida com o currículo da educação escolar para as 5ª e 6ª séries e a formação dos professores guineenses. Assim, com a nossa vivência com a equipe CEPI, coordenada por você, pudemos apreender o significado de uma pesquisa desse tipo para a implementação de processos educativos, numa concepção ético-crítica, e a contribuição que ela pode dar para compreender contradições globais, considerando suas manifestações locais nos espaços geográficos que circunscrevem a escola, seus alunos e familiares.

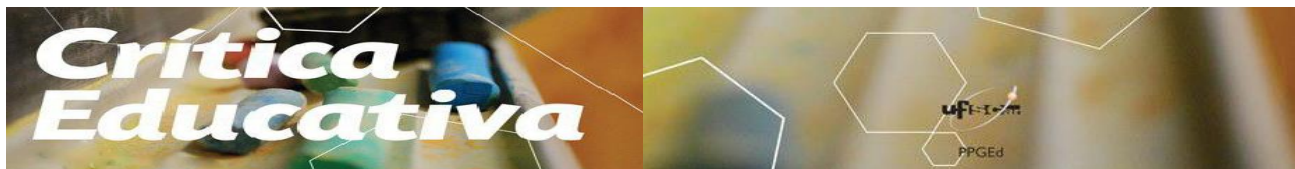
Através das interações com Pablo, o socioeconomista da equipe e com Jean Philipe, o agrônomo, ambos educadores e formadores de professores do CEPI, bem como interagindo e conversando com os professores em formação, em uma estreita relação com a cultura balanta, pudemos concretizar o significado da dialogicidade em Freire. Também, permitiu um novo olhar para o que estávamos entendendo por interdisciplinaridade! Ficou bastante claro que a práxis interdisciplinar em construção pelo CEPI era organizada, principalmente, pelas necessidades materiais de sobrevivência da população, algo que você sempre destacava. Assim, a pesquisa que subsidiava a equipe CEPI para a proposição curricular ia em busca de entender: 1) o que a população já fazia para produzir e sobreviver; 2) como historicamente se constituía esse fazer 3) qual o saber acumulado para concretizar a sua subsistência durante séculos; 4) o que a população



reconhecia como limitação para que as necessidades materiais fossem supridas em sua plenitude, principalmente, devido aos seguintes fatores: a seca que enfrentavam sazonalmente, as relações existentes que impediam o país de se tornar autossuficiente na produção de arroz, alimentação básica da população e a convivência quase desastrosa com as doenças endêmicas; 5) a contribuição que a educação escolar, negada para a maioria da população durante os cinco séculos de colonização, poderia dar para a superação das limitações por eles, guineenses, reconhecidas. Em termos freireanos, conforme conversávamos com você e com a equipe CEPI, amadurecíamos que esses aspectos tinham estreita relação com o que o nosso grupo, no Brasil, entendia como tema gerador, investigação temática, redução temática e interdisciplinaridade, nas análises realizadas com aporte nas obras de Freire. Contudo, o maior impacto foi a respeito do conceito de interdisciplinaridade.

De fato, os vários significados desse termo, bem como o estabelecimento de uma práxis interdisciplinar, nem sempre contemplam o saber do educando e do agrupamento do qual faz parte! A emergência dessa compreensão representou um salto nas nossas práxis. Marta Pernambuco, professora da UFRN, tantas vezes evocada nas nossas conversas no CEPI, já havia destacado esse aspecto, fruto tanto do aprofundamento nas leituras que fazíamos de Freire como da reflexão propiciada pelo desenvolvimento do projeto Ensino de ciências a partir de problemas da comunidade, por ela coordenado na região nordeste do Brasil. Marta já chamava a atenção para o fato de que a dimensão dialógica da concepção freireana deveria ser implementada não apenas no diálogo com os educandos na situação da sala de aula, mas antes mesmo de ocorrerem. Em outros termos, quando há o desafio de construir um currículo, em alguma concepção interdisciplinar, não seriam apenas os conhecimentos específicos, tal como o alfabeto, as sílabas e as palavras na alfabetização e os conceitos pertencentes às várias disciplinas que historicamente vêm constando como componentes de currículos os que forneceriam parâmetros para se estabelecer a interdisciplinaridade. Fundamental, na perspectiva freireana, é a inserção de conhecimentos e de práticas originários da produção cultural dos agrupamentos humanos com os quais se estabelecem ações educativas dialógicas.

Freire destaca a importância de assim proceder pois envolve a dimensão das consciências. Ao se ocupar de uma educação pós-alfabetização, conceito abordado no livro Pedagogia do



Oprimido, Freire destaca a necessidade de se relacionar a consciência real efetiva e a consciência máxima possível, ambas históricas, quando se trata de problematizar situações contraditórias relacionadas com os temas geradores e palavras geradoras de modo a que os participantes das ações educativas se constituam como um ser mais. Ele argumenta que a superação histórica, ou seja, temporal, mas também espacial (geográfica) de uma consciência real efetiva por uma consciência máxima possível, quando consideradas em processos educativos, contribui para a humanização. Na ontologia freireana o ser humano é inconcluso, em conformidade com a sua gnosiologia, segundo a qual o conhecimento é inacabado. Não raro, esses eram temas das nossas discussões na Guiné, sobretudo com o Lino durante as viagens que fazíamos. Ele, por força da sua formação, mas também pela sua opção ético-crítica, fundamentadas em leituras, por exemplo, das obras de Freire, tinha, como sabemos, uma profundidade nas suas reflexões filosóficas que nos contagiava.

Marta, como você, tendo uma personalidade forte e formação intelectual robusta, exerceu liderança marcante quer na construção de grupos de pesquisa quer em processos de formação permanente de educadores. Faleceu em 2018. Deixou, contudo, um legado. Parte dele mencionarei a seguir. Também, pela sua história e liderança, a comunidade de educadores e pesquisadores a homenageou criando a “Escola de Formação Marta Pernambuco”. Trata-se da oferta de cursos itinerantes de formação de educadores e pesquisadores, organizados por coordenadores de congressos científicos nos quais serão ministrados esses cursos.

Assim, com as nossas interlocuções, constatamos algum nível de identidade entre as práticas estabelecidas pelo CEPI, o projeto Ensino de ciências a partir de problemas da comunidade e as possibilidades de contextualização da concepção freireana na educação escolar. Algo que você nos incentivava a realizar, sobretudo, ao ter como desafio a educação escolar não só no meio rural, como era o caso do CEPI, mas também num meio urbano. Desafio que, pela primeira vez, enfrentamos ao ampliar a nossa atuação, que vinha ocorrendo em escolas do meio rural, para uma escola de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Essa iniciativa deu-nos subsídios para, em 1989, quando Freire tornou-se secretário da educação do município de São Paulo, contribuir com um amplo movimento de reorientação curricular, a ser implementado nas escolas da rede municipal.

Em 1982, já retornado do seu exílio durante a ditadura no Brasil, Freire conheceu o grupo de Ensino de Física, coordenado por Luis Carlos de Menezes. Convidado para ser banca examinadora





da minha dissertação de mestrado, ele pôde avaliar a contextualização que estávamos fazendo da sua concepção para o âmbito da educação escolar. Assim que tomou posse na Secretaria da Educação Municipal de São Paulo (SME-SP), convidou-nos para estabelecermos uma parceria. A história que contam é que ele teria dito: “Gostaria de convidar aqueles físicos da USP para colaborar comigo”. Menezes, na época, era o responsável pela Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais (CECAE) da USP e fez este convite para quatro dos membros do grupo, sugerindo-os para Freire. Além de mim, que estava concluindo o doutorado na USP, apresentou o prof. João Zanetic, docente do Instituto de Física da USP que, junto com Menezes, coordenava o grupo de pesquisa do IFUSP ao qual me referi. João, como você e Lino, teve papel fundamental na minha formação. Apresentou, também, Marta, que estava iniciando o seu doutorado na Faculdade de Educação da USP, e Alice Campos Pierson, mestranda no Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências do Instituto de Física da USP e também pertencente ao grupo naquela época. Passamos a integrar a equipe de assessores universitários da SME-SP, junto com várias dezenas de outros docentes universitários, atuantes nas demais áreas do conhecimento. Através da infraestrutura da CECAE-USP, foram localizados docentes que reconhecidamente desenvolviam atividades acadêmicas tendo como uma das referências Paulo Freire. Estabeleceu-se um convênio entre a Prefeitura Municipal de São Paulo e algumas universidades do Estado, de modo a oficializar a parceria estabelecida com a SME-SP no período 1989-1992.

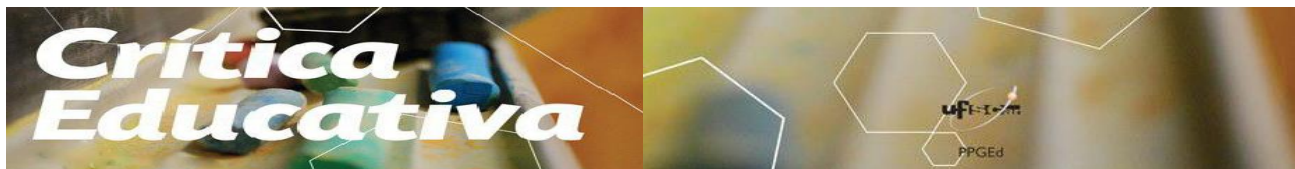
Essa colaboração deu muitos frutos e fez uma história registrada de vários modos. A maior parte desses registros pode ser acessada pela internet. Os documentos produzidos pela SME-SP possibilitaram que outras secretarias de educação de vários municípios brasileiros implementassem nas suas escolas a perspectiva freireana. Alguns dos professores da SME-SP, devido ao processo de formação permanente estabelecido, puderam não só implementar a perspectiva freireana na SME-SP, como assessorar essas outras secretarias na implementação. Um desses professores, Antonio Fernando Gouvêa da Silva, foi assessor de várias secretarias. Tornou-se nosso colega e amigo. Após um intenso trabalho realizado durante cerca de 10 anos, ele resolveu realizar uma análise distanciada desse trabalho efetivado em mais de uma dezena de secretarias de educação. Sua opção para sistematizar essa reflexão foi através de uma tese, defendida em 2004, no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP, na linha de currículos, com o título: Construção do



currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas. Atualmente, ele está providenciando a publicação da tese num livro. Por sua vez, Marta Pernambuco, na sua tese de doutorado defendida em 1994, na Faculdade de Educação da USP, também teve como objeto de investigação o processo que ocorreu na SME-SP (1989-1992). Com o título Educação e escola como movimento, ela, dentre outros aspectos, se debruça sobre as transformações que precisaram ocorrer no cotidiano das escolas municipais da cidade de São Paulo, em particular ao analisar do processo de formação permanente estabelecido e sua relação com o desafio de se construir uma perspectiva interdisciplinar que pudesse contemplar as exigências de um currículo focado em temas geradores.

Um artigo que publiquei em 2008, com o título La educación en ciencias e la perspectiva de Paulo Freire, em uma revista eletrônica, faço uma revisão de literatura sobre algumas das contextualizações ocorridas da concepção freireana efetivadas por redes públicas de ensino. Nadir, mesmo fazendo parte do grupo de pesquisa coordenado por Marta, optou por se dedicar exclusivamente à docência na educação básica. Ao estar próximo da sua aposentadoria e atuando como diretora de uma das maiores escolas públicas da periferia de São Paulo, resolveu iniciar seu mestrado em Educação. Na sua dissertação, intitulada O professor de Ciências Naturais e o livro didático, defendida, em 1995, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, ela incluiu na amostra de professores que entrevistou na sua pesquisa empírica alguns que tiveram formação permanente na SME-SP (1989-1992). Ela obteve dados que possibilitaram inferir que, em sua grande maioria, eles atuavam como professores transformadores, desvelando o currículo oculto dos livros didáticos. Ela teve como uma das referências critérios e categorias propostas por Henry Giroux. Em 2002, como doutora, passou a atuar num Programa de Pós-Graduação em Educação, onde orientou várias dissertações, principalmente sobre formação de professores. Como fruto de suas pesquisas e orientações, organizou, junto com mais duas pesquisadoras, o livro A atualidade das ideias de Paulo Freire, publicado em 2018.

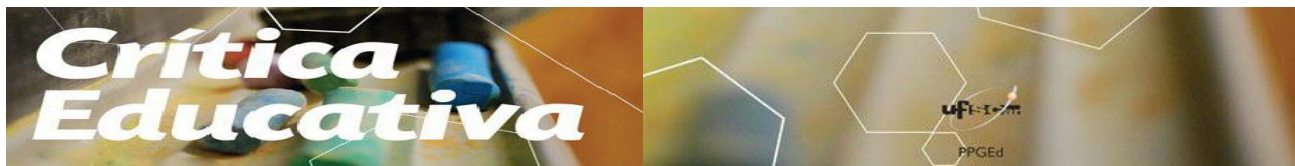
Penso que você ficará contente ao saber desse papel que o CEPI teve por ter influenciado na gênese do que temos desenvolvido. A dialogicidade estabelecida no CEPI permitiu aprofundar a nossa compreensão a respeito de três aspectos fundamentais para a contextualização da concepção freireana no âmbito da educação escolar, conforme explicito nos parágrafos a seguir.



O primeiro sobre como organizar um currículo no qual a conceituação pertencente às várias disciplinas escolares era inserida para a compreensão de quatro temas. Nas conversas que Nadir e eu tínhamos com você, Jean Philipe e Pablo para planejar o que faríamos no curso de formação de professores nos sentimos desafiados para a efetivação de um trabalho interdisciplinar ao articular os temas e conceituação científica pertinente a eles relacionada.

O segundo é que esses temas se originaram da pesquisa socioantropológica relativos à organização balanta e sua relação com o sistema produtivo. De acordo com as explicações da equipe CEPI, a análise dos dados obtidos nessa pesquisa resultaram na escolha dos temas: A comunidade e sua cultura, Agricultura, Saúde, Artesanato e técnica, o que permitiu estruturar organicamente o currículo na sua relação temas-conceitos específicos de disciplinas escolares. Aspecto fundamental, que você nos alertava, era a importância do convívio dos alunos na aldeia como fator que poderia potencializar, a médio e longo prazo, o uso na aldeia das novidades oriundas da educação que estava sendo promovida no CEPI. Em minha dissertação, analisei várias situações que exemplificam isso. Assim, a opção que vocês tiveram foi a de trabalhar cada um dos quatro temas em um dia da semana, em período integral, totalizando quatro dias da semana na escola e os demais ocupados com as atividades estabelecidas pela vida comunitária da aldeia da qual os alunos eram originários. A tua experiência como educadora nos incentivava a enfrentar os desafios em promover a interdisciplinaridade na medida em que se fazia necessário estabelecer diálogos, propiciados pelos temas, entre a compreensão deles pelos alunos, os conceitos específicos e a visão dos especialistas. Em outros termos, ficava cada vez mais claro que a inclusão de conceitos, a serem abordados na programação escolar, no nosso caso os estabelecidos pelas teorias das Ciências da Natureza, era determinada pela compreensão das situações envolvidas nos temas. Daí a dialogicidade do currículo. Algo muito claro para você e que passou a ficar cada vez mais claro para nós em função da práxis com a qual convivemos.

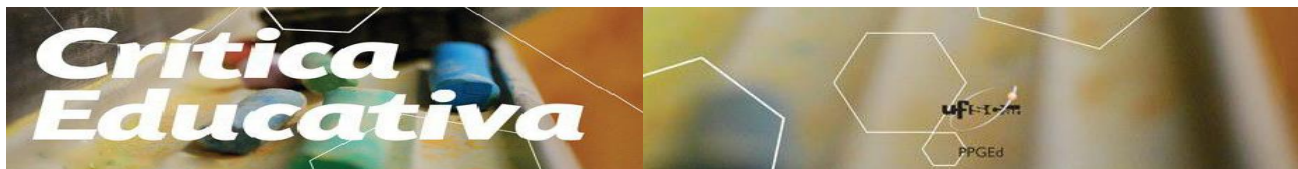
O terceiro se refere à dialogicidade estabelecida nas situações da sala de aula, na dinâmica estruturada pelo CEPI. A primeira vez que convivemos com ela foi numa das tuas “aulas” para os professores em formação. Você tratou dos vários aspectos envolvidos na pesquisa socioantropológica que os professores em formação precisavam fazer. Nadir e eu ficamos deslumbrados! Você mesma, já conhecedora das necessidades que os professores tinham para



efetivar esse tipo de pesquisa, fruto de dados que você vinha obtendo com o auxílio de várias fontes, pôde organizar o diálogo que realizou, estruturando-o através de três momentos pedagógicos que organizavam as aulas nas escolas do CEPI: primeiro, Estudo da Realidade; segundo, Estudo Científico; e terceiro, Trabalhos Práticos. Pôde, com isso e através dos encaminhamentos que ia dando a cada um dos momentos, problematizar as dúvidas, dificuldades, objeções, quais dados deveriam ser obtidos na pesquisa, a forma de abordar as pessoas, dentre outros pontos levantados, no primeiro momento, quando iam sendo problematizadas as falas dos professores relativas à realização desse tipo de pesquisa. Possíveis encaminhamentos para as demandas eram abordados no segundo momento, planejado anteriormente e fruto de dados que você mesma já obtivera na pesquisa. Uma seleção adequada e pertinente de textos para serem abordados didaticamente no segundo momento contribuiriam para que os professores planejassem e efetivassem a pesquisa a ser realizada no terceiro momento pedagógico. Tudo era feito sempre com a necessária interlocução dialógica com os formadores do CEPI.

Essa práxis de sala de aula dos formadores, ao desenvolverem suas atividades educativas com os professores em formação, constituía, segundo seu depoimento, o maior desafio da prática a ser desenvolvida. Eles também deveriam ser formados para assim poderem proceder. Afinal, precisavam dar o exemplo de uma prática educacional que pretendiam fosse empregada pelos professores em formação com os seus alunos. Desse modo você assim procedeu conosco. Lembro dos desafios que nos ajudou a enfrentar e das leituras que nos recomendava para estabelecer essa prática dialógica no curso Ciências Naturais que oferecemos durante o nosso estágio no CEPI. A formação que você nos propiciou tornou possível propor um projeto que pudesse atender a uma demanda do Ministério da Educação da Guiné Bissau para a formação de professores de Ciências para todas as escolas de 5a e 6a séries da Guiné Bissau. Com tua intermediação e apoio do IRFED, para lá retornamos em 1979 para coordenar o projeto. Durante os dois anos iniciais, como você bem sabe, foram fundamentais as tuas orientações para as adequações que precisamos realizar para uma práxis dialógico-problematizadora em sintonia com as propostas do CEPI.

Os relatos que trago a você nesta carta mostram, ainda que tardiamente, os desdobramentos que ocorreram no Brasil com nosso processo de formação permanente propiciado com a estadia na Guiné Bissau. Perceba também que, mesmo não estando em contato frequente, há marcas de sua



presença em nossa trajetória como pesquisadores, educadores e seres humanos comprometidos com uma educação ético-crítica.

Grande abraço.

Demétrio Delizoicov

Florianópolis, setembro de 2020